

AS “MULHERES” DE *JOGOS INFANTIS*

Renilda do Rosário M. Rodrigues Bastos
Mestre em Teoria Literária. Professora na
UEPA e na UFPA.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho deve ser tomado como uma tentativa de refletir sobre as personagens femininas do livro de contos *Jogos Infantis* do escritor Haroldo Maranhão.

As leituras sobre essas personagens seguem um caminho assim desenhado: “Um breve olhar sobre *Jogos Infantis*”, o primeiro passo construído a partir de uma análise dos elementos literários que tecem o texto de ficção. É um olhar geral, muito mais para encontrar os narradores dos contos, já que são eles os protagonistas das narrativas, e é por meio deles que o leitor passa a conhecer as “mulheres”.

O segundo passo é uma visão ampla das personagens femininas, momento em que é traçado o perfil de cada uma. Logo após apresentar as “Mulheres”, alinhavo idéias sobre os “jogos” e suas “atacantes”, para, mais tarde, tecer comentários sobre as ações destas personagens, principalmente no que diz respeito à sexualidade.

Em seguida a leitura das “Mulheres” ganha um olhar específico sobre duas personagens retiradas do universo de *Jogos Infantis*. A escolha recaiu em Bela e Normélia escapando à posições tradicionais que a sociedade lhes impunha, nem que para isso elas esperem cair para se insurgirem e transgredirem as normas forjadas para elas.

Assim, vamos encontrar uma Bela acordada, imagem de mulher sujeito, rompendo com um valor tão arraigado da época em que acontece a ação de Bela, a virgindade. Uma bela que não está à espera de um príncipe que venha “salvar-lhe” e nem “enobrecer-lhe”, casando-se com ela.

Vamos encontrar Normélia, escutar seus silêncios noturnos, conhecer a dança de seus desejos sem a Máscara que a reprime na realidade do dia.

Há muito o que ler e refletir a partir das ações dessas “mulheres”, pois não é possível esquecer o tempo do vivido nas narrativas e que, nesse tempo, a sexualidade feminina era controlada pelos homens e o traço mais comum da mulher era a passividade, porém, em *Jogos Infantis* elas ocupam uma posição de verdadeiras “atacantes”.

UM BREVE OLHAR SOBRE JOGOS INFANTIS

O livro *Jogos Infantis*, escrito por Haroldo Maranhão, traz ao leitor 15 narrativas em forma de contos, cuja temática mais recorrente é a iniciação sexual masculina. As histórias (quase todas) têm ponto comuns que saltam aos olhos do leitor, não apenas por conta do tema mas também pelo tempo e espaço.

São contos que encantam o leitor pela maneira como o autor cria o narrador de cada história. Como personagem principal, esse narrador presentifica um passado e mantém com o leitor uma relação de cumplicidade, principalmente porque ele conta sua história em primeira pessoa do singular, de acordo com seu ponto de vista e os fatos ocorridos no passado.

Ao contar, no presente, os fatos, ele vai mostrando espaços antigos, desenhando rostos e pernas, nádegas e ruas. Vai experimentando emoções buscadas na memória..., um verdadeiro encontro de coisas preñes de significados: “olhe só o trabalho a que se dá, de levar o Lico para passear. Me lembro direitinho do bonde que a gente pegou, o ‘Sousa’. Nós ficamos sentados um tempão numa pedra que ficava perto dum lago lá no ‘Bosque’”. (MARANHÃO. 1986; 64). Este narrador, como os outros, mostra uma história vivida de modo tão real, que a um leitor menos atento pode parecer que é o narrador contando vários relatos de suas experiências, porém, apesar da confiança pela linguagem que se repete nos mais variados contos, como aquelas frases: “eu era passado na casca do alho”, ou ainda, “os paraenses”, beliscões que surgem em muitos contos, assim como indícios de tempo que fazem o leitor acreditar que é um só narrador, é um recurso estilístico usado para que o efeito sobre o leitor seja a credibilidade.

No entanto essas personagens são diferentes, em algum momento se entregam, mesmo que de maneira sutil. Vamos aos exemplos: “... já nem me lembro do Nando, de seis para oito anos, que sou mais velho pouca coisa” (MARANHÃO. 1986; 12). O narrador, irmão de Nando, do conto “Tatá”, com certeza não tem a mesma idade do namorado da “Zazá” do conto “Menina-Moça”, pois o último é um rapaz que namora firme com a permissão dos pais da moça. “... sei que me mimava muito e até me chamava de filho, provavelmente porque namorasse com a “Zaza”, namoro firme” (MARANHÃO. 1996; 41). Não há dúvida que os narradores de “Jogos Infantis”, por serem em primeira pessoa, criam ao leitor a impressão de ser a mesma pessoa, e é por meio dessas personagens que o leitor conhece as mulheres — personagens femininas. Ao desvelar-se em frente aos olhos do leitor,

desvelam-se também as parcerias de aventuras sexuais.

A questão do espaço é construída de maneira articulada e é comum às narrativas. É em Belém do Pará, como espaço geográfico, onde moram as personagens. No máximo esse espaço alarga-se até Algodão (uma ilha no Município de Maracanã, próximo a Belém), no mais é sempre Belém como referência, não esta de hoje, mas aquela de ontem. Esse espaço vai aparecendo no momento em que as personagens narram suas peripécias, porém, como são narrativas curtas, prevalece muito mais espaços como a casa, o quarto, a rede, o porão... o local em que ocorrem as ações sexuais, mesmo que algumas vezes o leitor seja levado a dar uma volta até o "Sousa" ou ao "Curro Velho"... ou para conhecer certos costumes de época, tudo muito próximo das lembranças dos narradores e, ao mesmo tempo, longe desse tempo, o que favorece a possibilidade de uma crítica maior. Os espaços da cidade quando referidos em muitos contos são também uma forma de convencimento do leitor em relação "às verdades" do que é contado.

Pelo menos dois tempos, presente e passado, fazem parte do tempo fictício, ou seja, olhando do presente, o passado entra em cena. Ao contar a história no presente mostra um tempo longe do que foi vivido. Entre o vivido e o contado há um olhar que critica o próprio comportamento, por isso, também, o leitor tem sempre a impressão de estar lendo e conhecendo uma história real do autor, tal é o poder dessa construção textual de tema, espaço, tempo e de narrador que dá a versão que lhe convém aos fatos, tudo num processo de construção das narrativas definidas pelo escritor para o crédito de suas personagens.

Os narradores são responsáveis pelas imagens que pintam das outras imagens, mulheres de "Jogos Infantis", a forma como esses seres fictícios são colocados ao leitor, obriga-o a muitas leituras e reflexões acerca dessas personagens que se equilibram entre o silêncio e palavras mágicas, "vem!".

ALINHAVANDO IDÉIAS SOBRE OS "JOGOS" E SUAS ATACANTES AS PERSONAGENS FEMININAS

BELA, personagem feminina do conto "Cortinha de Filó", prima do narrador. É adolescente, iniciadora do primo nos jogos sexuais e ao mesmo tempo iniciante. O espaço é a casa da moça. Os pais são figuras ausentes.

TATÁ, é a mulher do conto a quem empresta o nome. É descrita como uma mulher meio gorda e sensual. O primeiro amor do narrador. Tem 25 anos e é empregada doméstica da casa do menino cujo irmão também participa dos jogos de iniciação sexual.

NORMÉLIA era uma espécie de governanta. Essa personagem de "Movimento no Porão" apresenta um comportamento completamente ambíguo. Na escuridão das noites de Algodão, vinha Normélia que deixava uma máscara do lado de fora do porão e colocava outra. Ela metamorfoseia-se toda manhã e toda noite.

NARCISA, a professora que ocupa a "Rede de Quatro Pés", era dona de um enorme desejo. Sua irmã, Joana-sem-Braço, era outra personagem feminina, esta era muito agressiva e quem mostra sua agressividade é o namorado da mesma, quando exibe as "impressões digitais" deixadas em seu corpo pela voraz namorada.

LENIRA, do conto "Flor de Coalhada", é a iniciadora sexual-anal do narrador. Ela comandava a situação, mas tomava o cuidado de se manter sempre virgem — talvez a única "mulher" com essa preocupação. Lenira era empregada doméstica.

ZAZÁ, namorada do narrador, moça de família, namorava na porta, seduzia o namorado e tomava a iniciativa dos "jogos sexuais". Zazá era a "Menina-Moça". A repressão não existia por parte da mãe que ficava olhando as brincadeiras entre os namorados.

D. CELUTA é uma personagem que sua ambigüidade de quanto o que ela fazia deixa o leitor em dúvida. Era prostitua? Ela é descrita como amiga da família do menino que narra "Viagem ao Curro". Nesse conto se equilibra entre dois espaços, um interior e outro exterior. A casa da família. A outra casa, o que seria?

ELISA, de Palavras Mágicas. Não se pode ter certeza do papel desempenhado por Elisa na casa do narrador. Uma empregada talvez. Elisa seduz pelo poder das palavras que usa para jogar com as emoções e desejos do parceiro e de seu próprio desejo. Ela procura o prazer e com isso desencadeia as ações do conto. Ela usa um discurso que transgride e agride no primeiro momento. Onde já se viu tantas "Palavras indignas" na boca de uma mulher?

LASTÊNIA era a "Violinista", uma mulher delicada, disciplinada e cheia de desejo. Tinha conhecimentos práticos e teóricos sobre sexo e que, didaticamente, ensinava ao menino.

ÁUREA, empregada da casa, tinha 30 anos. A única mulher passiva nos "Jogos Infantis" pois ela dorme no momento do ato sexual, não sem antes deitar-se de forma sedutora, encantando o narrador do conto "Menino que faz Menino".

ARDUÍNA, da Narrativa "Bilhete", é empregada da casa da personagem, que ao escrever um bilhete à sua mãe, narra os fatos de maneira a colocar Arduína numa posição dúbia, porque ele tenta convencer a mãe dele sobre o comportamento da moça. Ele traça um perfil da mulher remanescente da "raça maldita", todavia seu bilhete deixa claro todas as mentiras que ele quer que sua mãe acredite. O leitor não chega a saber como é Arduína, já que o narrador se mostra indigno de confiança.

TECENDO COMENTÁRIOS SOBRE AS MULHERES DE "JOGOS"

A vista corre por páginas e páginas e depara com todas essas "mulheres" que fazem parte do universo de *Jogos Infantis*, um mundo pintado em várias cores, traços e formas.

É uma verdadeira iniciação conhecer ou tentar conhecer cada uma delas. Estas maravilhosas mulheres que subvertem leis impostas para elas, que transgridem princípios e tabus. Fala demais — essas figuras fictícias — faz refletir sobre a pluralidade do ser humano.

Feitas de letras e papel, as Elisás, Lastêneas, Normélias... são encontradas em outras épocas, sob a luz do dia, entre silêncios e palavras mágicas, em alguma cama, alguma rede, um porão... ou sob a luz da madrugada se fazendo em dia, entrando pelas frestas, enquanto elas satisfazem íntimos desejos sufocados pelas normas da vida. Normas que não conseguem lhes manter no lugar do dever porque elas se colocam no espaço do prazer.

Estas mulheres sem culpas, sem compromissos (a não ser consigo mesmas), sem peso na consciência, levam alguém, pela mão, à procura de um lugar, do melhor jeito... Elas ensinam o prazer e se dão o direito ao prazer de sentir como é gostoso brincar de ninar, ou apontar os caminhos do novo, do gozo. Elas possuem o domínio, o poder de calar ou falar, a sedução, a atividade. Estão onde só os homens sempre tiveram o direito de estar, estão no lugar do desejo.

Em *Jogos Infantis* as personagens femininas, apesar de serem descritas por "homens", eles as seguem e sucumbem, mesmo por um momento.

Estas "mulheres" fogem dos paradigmas vigentes sobre o sexo feminino na época em que as ações dos contos são vividas porque estão longe de ser "pecadoras" ou "santas", paradigmas que, por muito tempo, serviram para a criação de muito tabus e preconceitos sobre a mulher. Estas personagens são dúbias e convivem com suas ambigüidades e, ao seduzirem e satisfazerem seus desejos, estão, na verdade, lutando por um espaço que o cotidiano (real) sempre lhes negou.

É possível notar com clareza a tentativa de fuga das modelos pré-estabelecidas. É uma inversão de papéis — a mulher ativa — não apenas na aparência, mas trata-se de uma reflexão sugerida pelos "jogos", já que, se quisesse, o autor poderia enquadrar as mulheres nos modelos existentes no tempo vivido dos narradores. Ao contrário, o suporte ideológico do discurso de Haroldo Maranhão foge da divisão dos perfis femininos em dois, obrigatoriamente opostos, a ambigüidade existe, ou seja, há a coexistência de dois ou mais perfis numa mulher só. A Normélia é um exemplo claro dessa ambigüidade.

Se lançarmos um olhar em direção às mulheres de *Jogos Infantis* sob um ângulo patriarcal, a Lastênia, a Bela, a Elisa... seriam consideradas pecaminosas, perigosas, pecadoras, degeneradas e mais outros adjetivos que fazem parte do discurso social (ainda que as mudanças existam) porque elas anarquizam e desorganizam os padrões pensados para as mulheres.

Muitas são as reflexões que esses relatos fictícios trazem ao leitor como, por exemplo, o que se esperava da mulher em relação ao casamento, um valor que fazia a mulher esperar pura por um marido, no entanto, o conto "Menina-Moça" contradiz esse discurso já que "Zazá" namorava, sem que isso fosse a única possibilidade de sexo e ascensão social e nem servia de controle para que as "brincadeiras" sexuais se realizassem.

No conto "Como as Rãs", a cena vista pelo narrador é de uma mãe no seu papel de mulher, num momento em que ela comandava a situação. O jogo sexual que ocorre seria o mais normal possível, hoje, todavia, no tempo que ocorre a história, gemer de prazer, colocar para fora seus desejos sexuais não eram permitidas às esposas, afinal o lar era "sagrado".

Entretanto, a mãe do menino de "Como as Rãs" tinha o direito de gozar. Seus gritos de prazer chegavam aos ouvidos do filho como gemidos de dor, "... os dois começaram a gemer como se algo estivesse doendo, 'ai, ai, ai' (...) ela aumentou a pulsação de sapa" (MARANHÃO. 1986. p. 23). Ora, esta imagem num passado bem recente, não podia ser desenhada. Um esposo não fazia com a esposa o que fazia com uma mulher qualquer no espaço público (bordel) e não o espaço privado do lar.

Esse conto além de toda a abordagem psicanalítica sobre a "cena primitiva", ele sugere a quebra do discurso social forjado no real (levando em conta o tempo de narrativa).

Das personagens dos *Jogos Infantis*, a imagem mais recente é a possibilidade de tirar a mulher, no que diz respeito à sexualidade, da obscuridade em que se tem conservado na História. Como diz Coutinho, 1994, "... não havia lugar na mulher para o próprio prazer, sua própria satisfação, mas apenas aquilo que estava voltado para atender e satisfazer as necessidades de sua própria casa". O sexo ficava no lugar de gerador de filhos e a esposa era apenas isso.

No espaço da ficção de *"Jogos Infantis"* surgem as mais variadas mulheres, todas fazendo parte do ambiente privado do lar, como amigas, professoras, prima, empregada, namorada e todas buscando o lugar da satisfação de seus desejos, e o que é no espaço do lar, seja lá quem for, que as relações sexuais ocorrem. Tirando a "D. Celuta" que, de certa forma, compra o seu prazer e cobra para dar prazer, não fica claro o que ela é e como usa uma casa parecida com um bordel, mesmo assim não fica claro sobre quem é "D. Celuta".

Em *"Jogos Infantis"* o papel da mulher é diferente daquele a que elas estão acostumadas. Não cabe mais a elas "dançar conforme a música". "Psiu! Quietinho, quietinho minha flor (...) Beija, beija, bebe o licorzinho, bebe", e o Lico tinha de "dançar" conforme a "violinista" tocava. Ela é a dona do espetáculo e sua performance é para agradar a si mesma, e melhor para ela era não ter de receber um prêmio ou sofrer punição da sociedade, a noite se incube de esconder (dos outros) o seu desejo incontrolado.

BELA E NORMÉLIA: A DANÇA NOTURNA DOS DESEJOS

"antes que a noite
acabe — o fervilhar
do desejo mostra
sua força explode"

Nesta etapa do trabalho vamos tentar conhecer um pouco mais duas personagens femininas do universo de *"Jogos Infantis"*. Uma é Bela do conto *"Cortininha de Filó"* e a outra é a Normélia do *"Movimento no Porão"*.

A Bela por sua coragem de romper com um valor tão forte colocado para as adolescentes que é a virgindade. Um tabu cristalizado que por tanto tempo cerceou a sexualidade feminina.

A Normélia por apresentar faces tão distintas. Uma ambigüidade necessária à personagem que a coloca em dois espaços: um elaborado pela sociedade para ela (para as mulheres) e outro que é forjado por ela ao se despir do que ela representa à luz do dia.

"CORTININHA DE FILÓ"

O conto *"Cortininha de Filó"* apresenta duas personagens. O narrador, ao contar uma história da qual é o protagonista, apresenta a outra personagem que é sua prima Bela. Ficamos sabendo pelo narrador como a moça é fisicamente, apesar da pouca descrição, porém, a imagem é pintada da seguinte forma: "... dona de um corpo fantástico" (MARANHÃO. 1986 p. 7), e assim o leitor fica sabendo que Bela era uma moça bonita. Sobre suas características psicológicas há os rompantes que assustam o primo e a ação da personagem em relação ao primo na sua própria iniciação sexual. Uma personalidade forte.

O espaço onde ocorrem os acontecimentos narrados é a casa de Bela sem descrições, no entanto, esse espaço torna-se social porque comporta um costume de décadas atrás: primos, cunhados, afilhados e agregados fazendo parte da família, no caso é o primo que comunga desse espaço.

O tempo comporta uma variação bem interessante, é um tempo determinado pela vontade do narrador de contar uma história acontecida num passado e pela imagem que ele tem de sua vida na época: "Eu me embalava distraído na rede. Desde menino que durmo pouco (...) A bela tinha prática, um fogo tremendo. (...) Agora vejo que não era prática coisíssima nenhuma..." Ele conta num tempo longe do momento vivido a aventura sexual com a prima. Agora ele faz reflexão sobre aqueles fatos acontecidos quando viveu sua primeira experiência sexual.

De posse da visão geral do texto, vamos fazer uma leitura da Bela, enquanto adolescente num tempo em que a sociedade era bastante cruel com as moças.

Numa noite, a casa vazia de pois — figuras cerceadoras por excelência — a Bela surge nua da cintura para cima na frente de um primo que morava em sua casa.

Sem falar uma palavra, ela seduz o primo pela imagem de seu belo corpo, a moça leva-o para a cama. Os dois jogos sexualmente sempre por iniciativa de Bela. Sem nenhuma experiência sexual, o primo julga a moça um expert no assunto. Depois das preliminares, ela convida "vem!"

No entanto, apesar de indicar o caminho e de tomar todas as iniciativas, o seu próprio vôo ainda era cego, porém, a libertação de algo que tinha começado com a parte de baixo do pijama que ficou em algum lugar.

Falar dessa Bela, lembra o nome de outra personagem que é também Bela, mesmo sendo tão diferente da “atacante” do nosso “jogo”. Aquela menina que quando chegou à adolescência espetou o dedo num fuso e caiu em um sonho profundo. Isso nos faz lembrar que é nessa época em que a vigilância sobre as meninas costuma a ser maior e a repressão também. Adormecer para aquela Bela era uma forma de impedir a sexualidade. A roca e o fuso ficavam num quarto fechado bem no alto de uma torre o que, segundo Bruno Bettelheim (in CHAUI, 1984), pode simbolizar o órgão sexual feminino, assim como o fuso é uma forte alusão ao falo.

Surge um príncipe rompendo a cerca e abrindo uma brecha no meio de um espinheiro para poder encontrar a Bela Adormecida.

A Nossa Bela só tem em comum com essa personagem dos contos de fadas a adolescência. É uma Bela acordada que não está à espera de um príncipe encantado e, ao contrário dessa famosa figura, nossa menina usa o corpo como arma que seduz e inquieta. Ela convida “vem!” e belamente a noite mostra a fera que o dia encobre.

Ao empurrar o primo para o desconhecido, ela também é irremediavelmente impelida para o mesmo lugar. Seus ritmos, seus movimentos se confundem e confundem o primo. A dança dramática é interminável na tentativa de decifrar o seu corpo e o corpo da prima, porém Bela não está mais no mesmo lugar em que o dia lhe deixou. Ela foi embora de algo, quem sabe de si mesma.

Diferente daquela nossa conhecida das “Fadas”, a Bela da Haroldo Maranhão não está numa espécie de limbo, esperando alguém para guiá-la no caminho dos “felizes para sempre”. A moça de “Cortinha” não cumpre as normas da castidade como lei social para o futuro, ao contrário, ela rompe com esses princípios que levava as moças de sua época a ocuparem o “digno” lugar de esposas, num tempo em que os valores da virgindade eram símbolos da moralidade. A Bela rasgou o seu “certificado de garantia”.

A moça, ao se livrar da metade do pijama, insurgiu-se também contra o valor da passividade feminina, socialmente produzido pelo valor da virgindade (que tem por trás uma longa história) e as restrições impostas por ele. E ao se libertar desses valores, ela também quebra tabus cristalizados como verdades absolutas, e para isso essa representação de mulher usar seu corpo como fonte de poder, sem limites, sem culpas e sem pecados. A “ditadura do falo” se rende e corre risco do perigo, do incógnito que é o ato de Bela.

Há em “Cortinha de Filó” um fato curioso, é levar o leitor a refletir sobre a ausência da preocupação com a gravidez, deve ser mais uma forma de quebrar com o estabelecido. A gravidez sempre foi colocado em meio ao discurso que cerceia as mulheres e coloca limites a sua sexualidade e a outros campos onde ela possa estar presente.

Bela é uma personagem de quem não se sabe nada além daquilo que nos conta o discurso do narrador, porém, é no silêncio que sua ação se concretiza e essa ação forte coloca a sexualidade masculina num plano que jamais era permitido.

Outra reflexão que essa “mulher” traz ao leitor diz respeito à cultura do feminino — quando não há um envolvimento afetivo, a mulher não consegue manter uma relação sexual, e essa cultura existe até hoje. Entretanto, nossa personagem agiu de acordo com a maioria dos homens, sem que pesassem sobre seus ombros as culpas que sempre fizeram as mulheres carregarem, era só “sair da linha”.

Muitas leituras e reflexões podem ser feitas desta personagem e, com toda certeza, não há como esgotar os assuntos que o conto possibilita, no entanto, um pouquinho mais a frente, é preciso encontrar com uma outra maravilhosa mulher, a Normélia.

AS FACES DE NORMÉLIA

Da mesma forma que nos outros contos, o narrador de “Movimento no Porão” é o protagonista da história. Uma personagem que ao falar de si, revela uma outra personagem que é a Normélia e, apesar de citar algumas vezes a avó e os irmãos, neste caso também não encontramos a figura dos pais.

Ao falar de Normélia o narrador dá a sua versão dos fatos passados, mantendo uma certa distância do tempo, isso fica claro quando ele diz: “pipoca havia, pirulito havia, sorvete havia, nada de coca-kolas e xicabões, esses sorvetes americanos que nem geladas são, sendo preparados químicos...” (MARANHÃO, 1986; 25).

O espaço descrito é Algodão, num espaço fictício, pois o conhecedor do lugar sabe como este era décadas atrás. Mesmo assim, esse conto ambientado numa casa que tinha porão, torna-se importante pela dimensão simbólica que justifica a ação do conto. Esta narrativa lida com sentimentos contraditórios, situações humanas em que o espaço ajuda a refletir.

Há na personagem Normélia uma carga de humanidade que faz o leitor se apaixonar, principalmente pela sua rebeldia noturna, pois é quando Normélia viola os códigos estabelecidos para as mulheres pela sociedade. Sua sexualidade aflora com a noite escura do porão e pela presença masculina. É aí que ela age em nome de sua vontade, de seu prazer. É uma busca do imediato, sem passado e sem futuro.

O porão pode muito bem corresponder ao mundo interior da personagem e, ao mesmo tempo, estar ligado à face noturna de Normélia, a face que revela a sua inconformidade, seu conflito que a luz do dia, não tem o direito de mostrar. Apesar da calma aparente que ela, durante o dia, deixa transparecer, ela é um turbilhão de emoções e se debate contra a estreiteza do seu mundo.

O espaço do desejo é um ambiente conotativo, confuso, ambíguo e carregado pela sensualidade de Normélia: "Ela veio nuinha, nuinha (...) foi pegando o meu peru e levando para um burquinho no meio do matagal" (MARANHÃO, 1986; 28). Porém, no espaço da dissimulação e do dia, a personagem trocava a máscara e se mostrava de outra forma: "... andava o dia todo de cara enfezada, tratava a gente com brutalidade, exigia demais" (MARANHÃO, 1986; 26), e mesmo após a relação noturna com o narrador, ela não dá pistas que possam entregar o seu lado do desejo: "... na manhã seguinte (...) me dava menos pão" (MARANHÃO, 1986, p. 29). Qual das duas mulheres era a mais verdadeira? É preferível pensar que era aquela que a noite ao mesmo tempo que a ocultava da sociedade, fazia-se despir-se de suas amarras.

Essa mulher que se transforma em sujeito de uma relação sexual, apesar de todas as impossibilidades que o dia impõe, ou seja, a sociedade impõe às mulheres. Ela dribla normas usando um porão para ocultar o seu grito de gozo.

Dessa forma, Normélia aponta um lugar diferente de muitas mulheres na literatura que ocupam um lugar de espera, do sofrimento, da passividade. Ao contrário desse estereótipo de mulher e distante da mulher "pecadora", apesar do narrador dizer que ela trazia o diabo na alma, para isso equilibra-se entre várias linguagens como instrumento de luta.

De noite, o corpo de Normélia expressa-se com liberdade porque existe uma atmosfera para vir à tona os desejos escondidos e é nessa atmosfera que a "mulher" desafia o estabelecido, jogando para o alto aquilo que a reprime. A escuridão, o mofo, os livros escritos numa outra língua mostram as faces de uma mulher que ocupa, pelo menos dois espaços: o tradicional, ordenado, ditado pelas normas e o outro um turbilhão de sentimentos, da transgressão da normas, da subversão de valores ... seus movimentos envolvem uma sensualidade estranhamente desenhada pela noite.

A governanta, aquela que impõe "respeito" é um outro corpo parecido com o de um soldado, "um corpo fabricado", como dizia Foucault em "Vigiar e Punir". "o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo...", pois é para ganhar a confiança da patroa, no caso, a avó do narrador, que Normélia vive o dia num corpo que parecia ser fabricado, e é esse corpo que indica as suas ações diárias, "... quem olhasse Normélia tinha a impressão de ver uma freira, sendo dessas mulheres de se entregar o governo de uma casa..." (MARANHÃO, 1986, p. 27)

Sendo assim, essa personagem pode ser colocada na galeria daquelas que, por meio de suas opções, mostram a ambigüidade do ser humano que mesmo quando castrado por leis, ele pode lutar para romper um horizonte tão estreito e voar para espaços intocados como forma de libertação. (É aí que se ouve uma voz implícita que faz o leitor refletir sobre si mesmo e a voz do autor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na "viagem" realizada pelos "Jogos Infantis" muitos caminhos e muitas dúvidas surgiram e, na tentativa de encontrar um caminho, ler tantas vezes foi preciso.

Os olhos percorrendo páginas e enveredando, algumas vezes, por aquilo que está expresso sem precisar estar escrito, porém, só um olhar mais atento consegue enxergar. Isso ocorre por se tratar de uma leitura num livro de ficção muito bem trabalhado, com uma linguagem deixando ver um "mar" de possibilidades de leitura.

Para encontrar o "limite" foi preciso encarar de frente os narradores dos contos. Sim, eles mesmos, estes personagens masculinos que, contando suas aventuras sexuais, traçam as imagens femininas e o que sugerem essas imagens.

Depois foi um olhar nas figuras femininas e ler a realidade baseada nas suas personagens, já que essas emoções cheias de ambigüidades levam o leitor para além da ficção.

Enxergar essas "mulheres" e ver outras mulheres construídas por discursos sociais que sempre as impediram de exercer a sexualidade, coisa que as nossas "mulheres" exercem sem medo ou culpas.

No espaço da ficção de "Jogos Infantis" encontramos as "mulheres" exercendo um papel que o cotidiano real sempre negou às mulheres, ou seja, o de sujeito de sua própria sexualidade e de seus desejos.

"Mulheres" que fogem da santidade e não conseguem ser pecadoras porque desfrutam do prazer sem complexos de culpa. Elas não podem ser enquadradas num modelo de mulher. Um exemplo claro disso é a personagem Normélia, que consegue passar incólume pelos olhares que possam reprimi-la, escondendo-se num porão, sob o manto da noite, para, sensualmente, entregar-se ao prazer.

Muitas reflexões acerca dos discursos construídos social e historicamente vão permeando os trilhos da viagem na ficção de "Jogos" e a inversão deles também. Essa inversão fica clara na ação das personagens. Vimos um discurso produzido socialmente para obter o controle do desejo da mulher durante tanto tempo, que é o argumento da gravidez e surge uma vez no conto "Menino que Faz Menino", no entanto, a preocupação fica por conta do "homem" e não da mulher, como se tem apregoadado ao longo dos tempos. Outro limite colocado ao desejo feminino era a questão da virgindade, em "Jogos Infantis", isso parece não ter a menor importância para "Bela".

Muitas são as leituras da realidade que a ficção sugere, e o caminho da sexualidade feminina foi o escolhido neste trabalho, que não quer dar conta de tudo, mas que viu uma fuga dos modelos pensados para as mulheres e isso está colocado no comportamento de muitas personagens. Quem sabe, Haroldo Maranhão, ao construir as imagens fictícias de "Jogos", quis dar uma alfinetada na ditadura do discurso social que sempre colocou a mulher num plano inferior ao do homem, principalmente no que se refere à sexualidade. Quem sabe? E aí, nesse caso, não estamos confundindo narrador com o autor, estamos falando daquela voz implícita do autor, presente nas entrelinhas de alguns contos, "Movimento no Porão" é um exemplo.

A "Viagem" pode continuar porque os caminhos são múltiplos e a leitura de uma obra de ficção é sempre ilimitada, algumas jamais se entregam por completo, no entanto, a imagem que fica desta leitura é que as "mulheres" de "Jogos Infantis" sempre encontram um espaço para que seu desejo se concretize e como "ser feliz por um triz", seja na rede ou em alguma pequena cama dentro de um porão, seja no silêncio ou ao som de "palavras mágicas", essas "mulheres" são o que, na realidade, as mulheres eram impedidas de ser.

BIBLIOGRAFIA

- BADINTER, Elizabeth.(1992). *Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- BRAIT, Beth.(1987). *A personagem*. 3ª, São Paulo, Ática.
- CATONNÉ, Jean-Philippe.(1994). *A sexualidade, ontem e hoje*. São Paulo, Cortez.
- CHAUÍ, Marilena.(1985). *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 9ª, São Paulo, Brasiliense.
- COUTINHO, Maria Lúcia Rocha.(1994). *Tecendo por trás dos panos — a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro, Rocco.
- DIMAS, Antonio.(1987). *Espaço e romance*. 2ª, São Paulo, Ática.
- DURIGAN, Jesús Antonio.(1986). *Erotismo e literatura*. 2ª, São Paulo, Ática.
- FOUCAULT, Michel.(1991). *Vigiar e Punir — História da violência nas prisões*. 9ª, Petrópolis, Vozes.
- GOULIB, Nádia Battella.(1992). *Teoria do conto*. 4ª, São Paulo, Saraiva.
- HIGHWATER, Jamake.(1992). *Mito e sexualidade*. São Paulo, Saraiva.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes.(1987). *O foco narrativo*. São Paulo, Ática.
- LUCAS, Fábio.(1976). *O caráter social da literatura brasileira*. 2ª, São Paulo, Quíron.
- MARANHÃO, Haroldo.(1986). *Jogos infantis*. Rio de Janeiro, Francisco Seves.
- MOISES, Massaud.(1967). *A criação literária*. 15ª, São Paulo, Cultrix.
- TIBA, Icani.(1993). *Sexo e adolescência*. 7ª, São Paulo, Ática.
- VAINFAS, Ronaldo.(1986). *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo, Ática.

A Morre de Jacinto

Jean Broc

MUSEU ST. CECILIA

COLLETA

